

Que a capacidade de luta nunca nos abandone!

Já proferimos mais de trinta intervenções, ano após ano, nos sucessivos aniversários da Revolução do dia 25 de abril de 1974, em consequência direta das funções públicas que este orador vem desempenhando, até hoje, ininterruptamente. Nesses transcorridos discursos, temos procurado energizar a lembrança da data histórica, transformar a efeméride em mais uma jornada de luta e, sobretudo, apelar à sociedade para que não deixe as novas gerações ficarem afastadas do significado profundo que o evento produziu e do potencial que continua a possuir para que a nossa Pátria progrida livre, independente e feliz.

Falar publicamente sobre o 25 de abril constitui sempre um cativante desafio, porque se é certo que tal evento pertence ao passado, não é menos certo que ele catapulta vigorosamente os seus efeitos no futuro próximo e longínquo. Ademais, a evolução do País mostra-nos sempre algo de novo e contundente que nos incita a estar em guarda, vigilantes, ativos, interventores e atuantes numa democracia que, para ser plena, deve ser exercida quotidianamente.

Mas este ano o discurso tem de ser diferente. Vamos evitar os lugares comuns de palavras e frases que, de tanto repetidas, adquiriram diversos significados, alguns, porventura, até antagónicos. Este ano não falaremos do fascismo tenebroso, nem da PIDE, nem das guerras coloniais, nem da censura, nem no processo revolucionário, nem dos reacionários saudosos do revirvalho, nem da reforma agrária, nem das nacionalizações, nem da adesão à CEE, nem dos falsos democratas que se cingem, apenas e tão só, ao ato de votar. Tampouco aludiremos ao socialismo que ficou na gaveta, ao demoliberalismo, ao capitalismo agonizante a estilhaçar por todos os lados.

Este ano, como nunca antes, estamos em crise. Toda a gente sabe isso porque a sente na sua própria pele, porque os órgãos informativos lhe matraqueiam os ouvidos a toda a hora, porque lhe transmitem os comentadores de forma professoral e pretensamente sapiente. Quem somos nós para pôr em causa as suas doudas explicações sobre os

mercados, sobre a União Europeia, sobre o Euro, sobre a troika (esse palavirão russófilo – quem diria) e sobre uma série de siglas ditadas de fora, a cujas regras o pobre governo português, coitado, tem de obedecer. Assim é! Paciência! Só nos resta andar ligeiros, de cara alegre, senão ainda vai ser pior, e distrairmo-nos com os jogos de futebol e quejandos, a que o patriotismo se submete e limita.

Assim se vai escondendo o medo que nos cerca por todo o lado. É o medo do futuro, do nosso e dos nossos filhos e netos que, ingénuos, desgraçados, ainda não se deram conta do que os espera. Na verdade, estamos a tentar não ter medo do medo.

Contudo, o que está na ordem do dia é o Medo com letra maiúscula. Cremos que vale a pena recitar o **“Poema Pouco Original do Medo”** de Alexandre O’Neill que, há dias, me passou gentilmente, a amiga Cristina Paiva, da prestigiada Associação de Teatro “Andante”.

Vamos tentar lê-lo devagar para que seja audível. Mais, os poemas não devem ser apenas audíveis, têm que ser saboreados, mastigados vagarosamente, para que da sua reflexão, surja algo de diferente, de novo, se possível, de auspicioso. O poema induz-nos a reagir e a pensar. Cada um entenderá como quiser ou puder, mas que fique algo no subconsciente para brotar mais tarde numa consciência límpida e clara como esta primavera florida, a primavera de abril.

***“O medo vai ter tudo
pernas
ambulâncias
e o lixo blindado
de alguns automóveis
Vai ter olhos onde ninguém os veja
mãozinhas cautelosas
enredos quase inocentes
ouvidos não só nas paredes
mas também no chão
no tecto***

*no murmúrio dos esgotos
E talvez até (cautela!)
ouvidos nos teus ouvidos*

*O medo vai ter tudo
fantasmas na ópera
sessões contínuas de espiritismo
milagres
cortejos
frases corajosas
meninas exemplares
seguras casa de penhor
maliciosas casas de passe
conferências várias
congressos muitos
óptimos empregos
poemas originais
e poemas como este
projectos altamente porcos
heróis
(o medo vai ter heróis)
costureiras reais e irreais
operários
(assim assim)
escriturários
(muitos)
intelectuais
(o que se sabe)
a tua voz talvez
talvez a minha
com certeza a deles*

*Vai ter capitais
países
suspeitas como toda agente*

*muitíssimos amigos
beijos
namorados esverdeados
amantes silenciosos
ardentes
e angustiados*

*Ah o medo vai ter tudo
tudo
(Penso no que o medo vai ter
e tenho medo
que é justamente
o que o medo quer)*

*O medo vai ter tudo
quase tudo
e cada um por seu caminho
havemos todos de chegar
quase todos
a ratos
sim
a ratos”*

.....

E então o que ficou? Que ninguém esqueça o sábio provérbio, “o medo é que guarda a vinha!”

Vamos prosseguir a luta pacificamente (ou não) de todas as maneiras e feitios? Isso toda a gente sabe! Mas como?

Cabe agora recordar os ensinamentos de Karl Marx nas suas leis do “Materialismo Dialético” – para haver uma revolução, terão que coincidir condições objetivas e condições subjetivas e há que estar bem atento às leis económico-sociais a que tudo se submete, inclusive a política. As leis sociais são menos rigorosas do que as das ciências exatas, é certo, mas

existem e os fenómenos irão eclodir, por saltos, num preciso momento; tal como a água que mantém o seu aspeto físico, quer tenha a temperatura de 1 grau ou de 99 graus centígrados. De súbito, quase sem darmos por isso, ao ultrapassar os 100 graus, ela começa a ferver e passa ao estado de vapor.

Minhas senhoras, meus senhores, meus amigos, presente-se que algo vai começar a ferver e temos que estar psicológica e materialmente preparados para essa iminência.

Queremos um País independente, que domine a sua economia e as suas finanças, que não seja obrigado a comprar a outros o que aqui pode produzir. Queremos trabalho para todos, mas com deveres e direitos consagrados constitucionalmente. Queremos uma justiça célere e firme como uma férula que não deixe os velhacos pôr o pé em ramo verde.

Somos Portugueses, queremos Portugal limpo, respeitado, sólido e perene.

Que a capacidade de luta e o otimismo nunca nos abandonem!

Salve 25 de abril!

Viva Portugal!

Alcochete, 25 de abril de 2013

MIGUEL BOIEIRO